

Um relato de experiência das aulas de canto coral na escola Dinorah Tomaz

Ramos

Wellington Freitas Viana

cbjrwellington@hotmail.com

Universidade Federal do Ceará

Resumo: O Programa de Bolsas de Iniciação à Docência PIBID na Universidade Federal do Ceará – UFC no subprojeto Música/Sobral que acontece na escola de educação básica Dinorah Tomaz Ramos, conta com a inserção de bolsistas na sala de aula, e com a atuação em oficinas práticas no contraturno. Na referida escola é oferecida a prática de canto coral. As oficinas têm duração de cinquenta minutos e acontecem uma vez na semana, tendo iniciado as atividades há seis meses, com uma turma em cada turno (matutino e vespertino) composta pelos alunos das séries iniciais de ensino fundamental. Baseado nestes aspectos, em cada encontro é realizado atividades de relaxamento corporal, aquecimento vocal e aplicação do repertório – este último formado essencialmente por canções folclóricas. Por não haver contato com o tipo de música adotada para o repertório, a princípio houve uma rejeição pelos alunos, que no decorrer do trabalho, expandiram seu gosto musical, tendo acesso a novos estilos. A partir das aulas pudemos notar o desenvolvimento técnico do grupo no que diz respeito à respiração, articulação e afinação, culminando em uma apresentação pública na I Mostra PIBID UFC/Sobral.

Palavras chave: Educação básica, Canto coral, Oficinas práticas.

Introdução

A Escola Municipal Dinorah Tomaz Ramos está localizada no centro da cidade de Sobral – CE e recebe alunos que se inserem desde o ensino infantil até o fundamental. Funcionando nos períodos matutino e vespertino, a escola oferece no contraturno atividades de reforço das disciplinas de português e matemática, bem como aulas de educação física.

Apesar de possuir alguns instrumentos musicais, não havia, com frequência, atividades musicais na escola. A partir de 2013, com a chegada dos bolsistas do PIBID – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – realizado pelo curso de Música – Licenciatura da Universidade Federal do Ceará que houve uma mudança significativa nesse quadro.

Para operacionalizar as atividades na escola os bolsistas foram inicialmente encarregados de ministrar aulas de musicalização dentro da sala de aula. Essa intervenção ocorria uma vez por semana, durante trinta minutos, nas aulas de artes. No começo, houve um pouco de dificuldade na realização dessas aulas, já que ocorriam próximas às outras salas. Os professores acabavam reclamando do que chamavam de “barulho”. Esse problema acabou por se resolver a partir do momento em que os professores se acostumaram com a rotina das atividades de música.

Em pouco tempo o trabalho rendeu visibilidade no contexto da escola. Após um semestre de atuação dos bolsistas, através dos bons resultados das aulas e reconhecimento do trabalho realizado, a direção sugeriu a realização de alguma atividade musical no contraturno. Para tanto, a prática escolhida foi a de canto coral, após varias reuniões e questionamentos, constatando-se que seria a que melhor poderia ser realizada na escola, pois havia escassa disponibilidade de materiais para outras práticas.

As aulas de Canto Coral

As aulas de canto coral eram ofertadas no contraturno. Para as aulas não foi realizado nenhum tipo de seleção com os alunos. Escolhemos não realizar seleção por entender que esta não deveria ser uma atividade excludente, ou seja, não queríamos excluir os alunos que não tivessem habilidades musicais prévias, vemos isso nas palavras de Andrade, onde descreve sobre a prática da seleção vocal:

Entre os regentes de coral infantil, identifica-se uma prática comum preocupante, no que tange o direito à educação musical: a seleção vocal. Por meio dela, é selecionado um grupo de crianças que possui mais “aptidão” em relação ao canto, refletida na precisão das alturas de som. A seleção vocal torna o trabalho mais cômodo para os regentes, amenizando os desafios em

relação às intervenções técnicas e proporcionando resultados estéticos mais imediatos (ANDRADE, 2010, p. 75).

As aulas em sala eram dadas nas turmas de quarto, terceiro, sexto e sétimo anos, razão pela qual as turmas de canto coral contavam com alunos de diferentes idades. As atividades tinham duração de cinquenta minutos e ocorriam uma vez por semana. Já que todas as salas estavam ocupadas e a sala que a escola podia disponibilizar ficava do lado da sala de reforço escolar, tivemos que buscar um horário com menos atividades. Durante esse processo, algumas aulas ocorreram na quadra de esportes, espaço totalmente inadequado; depois de alguns dias conseguimos permanecer na sala previamente determinada.

Metodologia e dificuldades encontradas durante esse processo

Foi utilizada a mesma metodologia de aula a qual tivemos acesso na graduação em Música da UFC: primeiro, tínhamos que aquecer o corpo dos alunos. Depois do aquecimento do corpo, o aquecimento da voz e, por último, aplicava-se o repertório, com o intuito de realizar, ao final, uma apresentação pública na I Mostra PIBID UFC/Sobral.

A informação científica é de suma importância, porém o sucesso do trabalho prático depende muito do instinto do cantor, possuidor de um talento natural que lhe possibilita sentir quando e quais vocalizes e exercícios de fonética, respiração, relaxamento e ressonância e qual repertório deve trabalhar (COELHO, 2001, p. 7).

Tivemos dificuldades na operacionalização da metodologia. Isso aconteceu porque os alunos não tinham contato anterior com esse tipo de trabalho, ao se trabalhar com crianças ou qualquer outro público, temos que estar cientes de conhecer o perfil deles, Vertamatti aborda em sua tese um trabalho feito com um coro infanto-juvenil:

(...) eles não têm experiência musical prévia e cantam em região considerada grave para a voz infantil; grande parte das crianças e jovens continuam a ter como modelos vocais o que lhes é oferecido pelo rádio e pela televisão, suas grandes fontes de referência. Alguns demonstram dificuldade em reproduzir uma determinada sequência de alturas (VERTAMATTI, 2006, p. 8).

O educador musical à frente de um grupo coral na escola deve tomar consciência de que problemas como esse citado são extremamente comuns, cabendo ao profissional formular ideias e padrões para que se possa continuar em direção ao objetivo artístico e formativo. Aquecer o corpo dos alunos, por exemplo, foi uma grande dificuldade. A princípio o grupo não entendia o que aquilo tinha a ver com a música. Alguns perguntavam se aquilo era aula de educação física. Entendemos que os cantores que eles tinham como referência, em geral conhecidos através da mídia, não demonstravam de forma que eles conseguissem notar alguma conexão com o trabalho realizado nas aulas. Passamos então a explicar como e por que aquele processo era essencial para todo cantor. Assim os alunos tiveram que se acostumar a aquecer, mas só passaram a fazê-lo quando entenderam o objetivo do aquecimento do corpo antes do cantar.

Houve também algumas dificuldades no aquecimento vocal. Usamos alguns vocalizes “fáceis” pra eles, com apenas uma sílaba e intervalos de um semitom e um tom. Importante nos casos de preparação vocal é conseguirmos entender sua real função como diria Bartle:

Não só para aquecer a voz e ensinar uma sólida pedagogia vocal, mas para focar a atenção das crianças e melhorar sua escuta interna; os exercícios podem criar uma atmosfera estimulante para o trabalho intenso que se seguirá (BARTLE, 2003, p. 151).

Como eles não tinham ideia sobre afinação, tivemos que levar um instrumento para a sala de aula. O único instrumento que foi disponibilizado para nós foi um violão. O problema foi que no começo, como no aquecimento do corpo, os alunos não entendiam a necessidade de aquecer a voz. Tivemos que explicar que também era música o que eles estavam fazendo, que fazia parte do processo de canto coral.

Finalmente, chegamos ao repertório, com o qual também tivemos dificuldades. Eles queriam *funk*, *reggae* e *rap*, gêneros e estilos com os quais estavam habituados. Apesar disso, como tínhamos em maioria vozes infantis, optamos pela construção de um repertório com canções folclóricas.

Para as atividades na escola, o grupo de bolsistas de Iniciação à Docência (ID) foi dividido em quatro grupos, três duplas e um trio. Essa divisão gerou alguns problemas. Em geral ficava um bolsista ID tocando violão e cantando com os alunos. No entanto, alguns alunos não tinham afinidade com alguns professores, o que causou uma demora no desenvolvimento de repertório com eles. Além disso, como a escola tinha alguns instrumentos de percussão, sopro e violões, tivemos a ideia de aproveitar o final das aulas de canto coral para que os alunos pudessem conhecer os instrumentos. No entanto, percebemos que no decorrer das aulas os alunos estavam interessados somente nos instrumentos e não mais na aula de canto coral. Passavam os quarenta minutos da aula de canto coral apenas conversando, perguntando ao professor sobre os instrumentos, perguntando se podiam pegar os instrumentos. Como tínhamos que prepará-los para uma apresentação na universidade no final do semestre, vimos que aquele momento com os instrumentos estava complicando a aprendizagem dos alunos no coral. Tivemos que suspender o acesso aos instrumentos, explicando que estávamos ali para cantar e não tocar. Alguns alunos abandonaram as aulas por esse motivo e acabamos ficando com duas pequenas turmas de canto coral: a da manhã e a da tarde.

Considerações Finais

Após várias aulas, no terminar do semestre, não vimos mais a mesma turma como vimos no começo das atividades, o que tinha mudado não era somente os alunos, mas sim nós os educadores musicais, que conseguimos tirar proveito de toda a experiência com as crianças. Notamos ainda uma mudança no que diz respeito à musicalidade das crianças, afinação, entonação, expressão corporal, dentre outros aspectos, fruto de um trabalho árduo.

Com este trabalho atingimos o ápice das nossas atividades no momento em que notamos que as dificuldades que enfrentamos e com as quais nos deparamos durante o processo, foram construtivas e nos fizeram encarar a realidade da escola e dos alunos como algo que muito teria a contribuir para a nossa carreira de docentes.

No final juntamos as turmas para a apresentação na universidade; no decorrer do processo, pudemos explicar aos alunos a ideia de como seriam a universidade e a

apresentação, já que a maioria deles nunca havia visitado nenhuma, e não gostaríamos que eles tivessem algum receio de se apresentar na universidade na frente dos outros alunos e professores. No final de tudo os alunos fizeram a apresentação pública na I Mostra PIBID UFC/Sobral.

As crianças após todo o trabalho que tivemos com elas, vimos que aquilo realmente tinha sido importante pra elas, como foi o primeiro contato para muitas delas com o canto coral, e elas realmente aprenderam muito com tudo que foi feito, a maioria não quis que acabasse no fim do semestre, vimos que o amadurecimento deles após tudo foi algo grandioso.

Referências:

BARTLE, Jean Ashworth. **Sound Advice: becoming a better children's choir conductor**. New York: Oxford, 2003.

VERTAMATTI, Leila R. G. **Ampliando o repertório do coro infanto-juvenil: um estudo de repertório inserido em uma nova estética**. São Paulo: UNESP, 2008.

COELHO, Helena Wöhl. **Técnica vocal para coros**. São Leopoldo - RS: Sinodal, 2001.

ANDRADE, Débora. **A metodologia de Bartle para o trabalho com crianças "desafinadas" por meio do canto coral: uma prática inclusiva**. Revista Tecer, Belo Horizonte, v. 3, n. 4, p. 75-81. 5/2010.